

Jornal da FAED

Informativo do Centro de Ciências da Educação da UDESC - ano II - nº 17 - novembro de 1996

EDITORIAL

Eleição e Democracia

Neste mês, a comunidade faediana escolherá, pelo voto direto, o seu diretor geral para o quadriênio que fechará o século XX e o segundo milênio do Ocidente. A forma de escolha do maior cargo administrativo-pedagógico do centro nem sempre foi pelo sufrágio universal, fato que merece reflexão histórica.

O próximo diretor geral da FAED será o décimo sétimo da história da instituição e o quarto eleito diretamente por todos os segmentos acadêmicos. Entre os anos de 1963 e 1985, o diretor geral era eleito indiretamente pela congregação (equivalente ao atual Conselho de Centro) e nomeado pelo Reitor ou designado pelo Presidente do Conselho Estadual de Educação, por um período de apenas dois anos. Com o Estatuto de 1984, foi introduzida a eleição direta para diretor geral e gestão de quatro anos nas unidades de ensino, pesquisa e extensão, indicando que os ventos da abertura política no Brasil também sopraram pela UDESC.

A eleição para diretor geral é um ritual salutar e indispensável numa unidade universitária, um conteúdo atitudinal do currículo. Trata-se de um momento intenso de explicitação de utopias educativas, de avaliação das políticas adotadas e de aglutinação de identidades ideológicas e pessoais, em que os "micro-poderes" emergem e amalgamam poderes maiores. Enfim, a eleição é a forma menos ruim de definir e ungir os governantes.

Mas, é óbvio, a democracia num Centro ultrapassa a eleição de seu diretor geral. Em primeiro lugar, pelo fato da direção ser colegiada, ou seja, o Conselho de Centro, formado por representantes de docentes, discentes e técnicos-administrativos, é o órgão máximo da unidade. Além do mais, os cursos e os departamentos têm seus próprios colegiados e neste último todos os professores têm assento. Por outra, é direito e sobremaneira dever de todo o cidadão universitário participar e intervir na gestão pedagógico-administrativa. Por exemplo, saber como os recursos são divididos na UDESC (entre os centros e a reitoria e entre os projetos e pessoas!) e no interior de cada unidade.

Talvez a eleição para a direção possa indicar à FAED e à UDESC que, em nível institucional, ainda somos pseudo-cidadãos.

Prof. Norberto Dallabrida



Ademilde Sartori

1ª Jornada Acadêmica da UDESC no Centro de Ciências da Educação. À esquerda, Profª. Vera Gaspar da Silva, coordenadora geral do evento.

ELEIÇÃO NA FAED TEM CANDIDATURA ÚNICA

Somente o Prof. Osni Mazon Debiasi apresentou-se como candidato à Direção da FAED, que dá a sensação de vitória no "primeiro turno". Leia cobertura da eleição (p. 7) e entrevista com o cabeça de chapa e as diretoras assistentes (p. 3).

1ª Jornada Acadêmica da UDESC

Confira na página 5 a dinâmica do evento

Alunos ocupam espaço no JF

Veja tiras na página 8 e ensaios nas páginas 4 e 5

E mais:

◆ ADFAED - p. 2.

◆ DAOM - p. 2.

◆ Bibliocanto - p. 6.

◆ Sintonia FM - p. 7.

A DIREÇÃO INFORMA

✓ Nossa Iª Jornada Acadêmica foi um sucesso. Estamos todos de parabéns! Este sucesso foi possível porque temos projetos de qualidade e assim foi possível, também, os 34% dos trabalhos inscritos no âmbito da Universidade. Agradecemos a todos aqueles que contribuíram, à Comissão que organizou e, em especial, à Vera Gaspar da Silva e à Cláudia da Silva.

✓ UTOPIA: um projeto possível. Por uma FAED cidadã, por uma FAED rumo ao novo milênio, alguns exemplos:

- Nossas pesquisas e nossos pesquisadores são premiados. Parabéns Paulo (estudante), Paula (professora), Nívea (estudante) e Ione (professora)!
- Grupo PET e seu mais recente curso de extensão, "Produção da Cidade", com a Profª. Maria Encarnação Sposito, outro sucesso sobre a coordenação da Graciana (professora).
- Iª Jornada Integrada de Ensino de Águas Mornas, Santo Amaro da Imperatriz e FAED, quatro anos integrando o ensino superior à realidade educacional catarinense. Parabéns Sérgio, Renato, Janete, Jorge, Carlinhos e demais integrantes dos Gts!
- Um terço da nova turma do Mestrado em História (UFSC) será constituído por "faedianos", inclusive por formandos. Precisa avaliação melhor para um curso? Parabéns Santino, Emerson, Cláudia, Márcia e Antônio (Tony)!

✓ Estudantes, em janeiro FAED e UDESC estarão em gozo de férias coletivas. Solicitações de documentos à Secretaria devem acontecer, impreterivelmente, até 10/12/96, pois o atendimento externo será até 23/12/96.

- No período de 13 a 23 de dezembro o horário de funcionamento da FAED será das 07:00 às 19:00 horas.
- Professores: compareçam ao Setor de Pessoal da FAED para assinatura do requerimento de férias.
- Eleição para a Direção Geral da FAED (1997/2000) - apenas um candidato se inscreveu: Osni Mazon Debiasi. Integram sua chapa as Professoras Maria Paula Marimon e Jimena Furlani. Data da eleição: 12/11/96 (3ª feira). Participe!

EXPEDIENTE

Centro de Ciências da Educação - FAED

Diretora Geral: Maria da Graça Soares

Diretor Assistente de Ensino: Norberto Dallabrida

Dir. Assist. Pesquisa e Extensão: Ione Ribeiro Valle

Secretária Geral: Maria Salette Granzoto Duarte

Jornal da FAED é uma publicação mensal do Centro de Ciências da Educação da UDESC. Rua Saldanha Marinho, 196, Centro, Florianópolis - SC, CEP 88010-450 - Fone (048) 222 5722 - Fax (048) 222 5356 - E-mail f2nd@npd.udesc.br

CONSELHO EDITORIAL: Norberto Dallabrida, Enio Luiz Spaniol, Gláucia de Oliveira Assis, Zenir Maria Koch, Fernando Moreira e Jairo Cardoso

Jornalista Responsável: Enio Luiz Spaniol (DRT 962/SE)

Diagramação: Jairo Cardoso

Artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores

ADFAED - S. Sind. -

A MORTE DAS UNIVERSIDADES: UMA CRÍTICA

Prof.ª Gláucia de Oliveira Assis

Numa promoção da ADFAED e integrando as atividades da Jornada Acadêmica da UDESC, o Professor Hugo Callelo, da Universidade de Buenos Aires, veio nos falar sobre a crise das universidades contemporâneas. Numa conjuntura em que o neoliberalismo e a privatização são perspectivas que rondam as instituições de ensino superior na América Latina, sua palestra nos instigou a pensar qual o papel das universidades hoje.

Neste artigo, pretendo realizar um breve comentário sobre as principais colocações do professor convidado e colocar algumas questões para estimular o debate na comunidade universitária.

O palestrante demonstrou, inicialmente, como as tradições universitárias européia e latino-americana têm características diferentes. A universidade européia, forjada numa tradição tomista e platônica, constitui-se num lugar onde poucos têm o saber para conduzir muitos. É uma universidade de elite, sem uma perspectiva de intervenção efetiva na sociedade, o que é denominado de modernidade inconclusa. Já a universidade latino-americana tem uma característica diversa, nasce da confrontação da luta política, que faz com que esta tenha uma cota de poder político potencial, dentro da relação Estado/sociedade civil.

Esta característica faz com que "a universidade latino-americana estabeleça uma relação de tensão permanente com o poder político do Estado, que cumpre a dupla função de sustentador e repressor", pois, tendo a função de repensar a sociedade questiona o autoritarismo do Estado que a sustenta.

Neste sentido, o Prof. Hugo relembrou que o papel das universidades latino-americanas nos anos 60-70 foi de crítica e projeto de uma sociedade, que confrontassem as propostas do capitalismo liberal. As universidades são o "locus" do pensamento e da ação revolucionária em vários países latino-americanos numa perspectiva de luta pela democracia.

Neste momento, os intelectuais europeus se voltavam para estas universidades, como se fossem a promessa da modernidade que não se concretizou na Europa a despeito da grande revolução que representou o maio de 1968 francês.

Entretanto, nos anos 90, com a crise das ideologias que tem em seu "bojo" a queda do muro de Berlim e a crise dos países do leste europeu, o olhar se modifica. A proposta de uma universidade democrática é desacreditada e esta utopia desqualificada no discurso oficial. Estamos no fim das utopias? Seria a morte das universidades?

Estas mesmas universidades, fonte de inspiração e de utopias, pelas quais foram perseguidas pelo Estado que as financiava, são desacreditadas pela "crise das ideologias". A universidade passa a ser desqualificada, torna-se excessivamente burocrática, seu conhecimento é apresentado como inútil, obsoleto, suas utopias ultrapassadas. O neo-liberalismo exige uma universidade neo-liberal, uma universidade que forme bons gerenciadores e administradores, não um transformador.

Voltamos pois, a pergunta qual o papel da universidade pública nesta conjuntura?

Para Hugo Callelo, "a universidade deve ser o espaço genético para a construção da civilidade do público, do igualitário, da sociabilidade solidária, da geração de massa crítica, capaz de enfrentar o individualismo darwinista do verdadeiro capitalismo selvagem, que se esconde sobre o semblante pseudo libertário do neoliberalismo."

Como garantir que a universidade retome o projeto de pensar alternativas para a sociedade, de ser o "locus" da crítica às teorias que defendem o "fim da história" e a morte das utopias de transformação social?

Articular o ensino, a pesquisa e a extensão é uma das questões-chaves. Esta frase, nossa conhecida, não pode ficar vazia de conteúdo. Não significa um conjunto de poucos, iluminados por seu conhecimento, ensinando a todos, como na universidade européia mas sim, articulando com a sociedade civil, ajudando a pensar numa

sociedade efetivamente igualitária, numa alternativa aos discursos neo-liberais.

Para tanto, deve resgatar seu potencial de crítica social, seu papel de coisa pública que deve estar a serviço dos interesses da população, como um todo e não apenas de alguns setores, que pretendem tornar a universidade um lugar de preparação dos indivíduos para servir ao mercado. Deve portanto, investir no resgate e revalorização da teoria da prática de uma universidade preocupada com a cidadania.

Ao final das suas colocações, no decorrer do debate, a sensação que tínhamos era que precisamos de um hiper Marx, expressão utilizada certa vez, para destacar a necessidade de uma crítica àqueles que aderiram ao discurso da globalização como uma fatalidade histórica.

Esta colocação não quer dizer que o nosso ilustre palestrante propôs um retorno a Marx sem as devidas releituras, pois, demonstrou ser conhecedor das contribuições da Escola de Frankfurt e que as condições históricas hoje são diferentes das que se impunham no século XIX. Entretanto, deve-se pensar num hiper Marx, no sentido de capacidade crítica dos condicionantes históricos que fazem as realidades humanas hoje, no sentido de resgatar os sujeitos históricos e de quebrar os consensos criados rapidamente sobre novas teorias.

Portanto, não se trata de cair num discurso liberalizante ou num nihilismo que aponta para a ausência de utopias. Para Hugo Callelo, a universidade deve ser um lugar de conhecimento e crítica e a crise das ideologias não significa a morte da universidade, mas sim, de redefinições de papéis para que esta possa realmente contribuir para um projeto de modernidade, que ofereça uma alternativa diferente ao capitalismo neoliberal.

DAOM

O que você achou da campanha para a direção do Centro?

DEMOCRACIA

A história é cheia de fatos, ditos de democráticos, mas o que é realmente democracia?

Será que estamos aptos a escolher nossos representantes? Somos pessoas participativas de um processo, no qual estamos envolvidos?

Temos consciência que nossa vida é dirigida por pessoas que assumem o poder legitimadas pelo nosso voto?

Sabemos exigir que nossos direitos sejam respeitados, pelos que nos representam?

Conhecemos realmente que nós elegemos?

Devemos abrir mão desse processo em prol de vantagens pessoais?

A democracia é um processo social no qual pessoas conscientes, ou semi, se utilizam para decidir sobre as formas e representações que serão exercidas sobre elas próprias. Se o resultado deste é negativo ou positivo, nós somos culpados. Embora não completamente, pois os dirigentes (do processo), poderiam nos informar melhor e criar oportunidades, que incentive a comunidade a participar e compreender o mesmo. Assim não retificamos o que falamos a cima, não somos os culpados, mas sim os que estão no poder, pois a própria educação que nos é passada, nos faz agir desta maneira.

Vamos lutar pelos nossos direitos, principalmente por uma educação de qualidade, onde o profissional formado saiba levar a frente uma consciência crítica do processo, instruindo pessoas destemidas prontas para defender os seus objetivos, sem medo de ser prejudicada por terceiros. EXPRESSA Geografia está se organizando para formar seu centro acadêmico, vamos discutir esta idéia, se você for a favor ou contra exponha sua idéia, ela muito nos interessa.

FAED UNIDA: OSNI, PAULA E JIMENA

Prof. Enio Luiz Spaniol

E chapa única que concorre para a direção da FAED nas eleições que se realizam em novembro. Trata-se de Osni Mazon Debiassi para Diretor Geral, Maria Paula Marimon para Diretora de Pesquisa e Extensão e Jimena Furlani para Diretora de Ensino.

Osni Mazon Debiassi iniciou sua carreira como professor primário em 1963. Foi professor de 1º e 2º de 1967 a 1971. É professor universitário desde 1969. Ocupou destacadas funções: assessor pedagógico da UNISUL, supervisor pedagógico do CROP da 2ª CRE, Secretário de Educação do Município de Tubarão, assessor educacional da Associação Catarinense das Fundações Educacionais de Santa Catarina, pró-reitor da UDESC, chefe de gabinete da reitoria da UDESC, chefe do Departamento de Estudos Especializados em Educação da FAED.

Maria Paula Casagrande Marimon é Bacharel em Geologia e Mestre em Geo-Ciências pela Universidade Federal da Bahia. É professora de Geografia, coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Educação e Meio Ambiente, coordenadora do Núcleo de Estudos Ambientais. Realiza trabalhos de pesquisa e orienta alunos de Iniciação Científica e de Pós-Graduação.

Jimena Furlani é Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas e Mestre em Educação pela UFSC. É professora dos cursos de Pedagogia, Geografia e Especialização em Educação Sexual. Coordena projetos de extensão e de Pesquisa. Orienta acadêmicos de Pós-Graduação. Jimena é Chefe do Departamento de Fundamentos da Educação.

O Jornal da FAED entrevista Osni, Paula e Jimena.

OSNI MAZON DEBIASSI:

"Procurou-se definir como carro-chefe da gestão a meta política de investir no estabelecimento de um novo relacionamento entre a Reitoria da UDESC e FAED"

Jornal da FAED - Por que o Senhor deseja ser Diretor Geral do Centro de Ciências da Educação?

Osni - É muito difícil responder a este questionamento de forma direta. Todo um momento histórico e político da FAED leva a uma reflexão muito profunda do seu papel, do seu compromisso social, dos fins pela qual foi criada, sob estes aspectos que poderia dizer das razões que me levam a pretender a Direção Geral da FAED.

A FAED durante a década de 60 e parte da década de 70, foi reconhecida nacionalmente e internacionalmente como uma instituição educacional séria e compromissada socialmente com a comunidade catarinense, tanto no que se refere ao ensino, à pesquisa e extensão. Nos últimos três anos, este compromisso voltou a ser parte integrante da preocupação do papel social da FAED como instituição formadora de consciência política. Considerando a minha experiência no campo educacional, associada a vontade de contribuir com todos aqueles que buscam transformar a FAED em uma instituição cada vez mais comprometida com os fins da sua existência, são as razões da minha candidatura.

JF - Quais são suas principais propostas de gestão?

Osni - Como já citei antes, a FAED da sua criação, até meados da década de setenta, foi reconhecida nacional e internacionalmente como um grande centro de saberes novos, de ensino comprometido com a crítica e autocrítica, de extensão preocupada com a sociedade. Na mesma linha de preocupação, nos últimos anos a FAED reconquistou espaços perdidos e avançou ainda mais, espaços esses que não podem ser perdidos. Considerando minha experiência e vontade, somadas à garra, determinação, competência e entusiasmo das minhas duas parceiras de chapa, Paula e Jimena, procurou-se definir como "carro-chefe", da gestão a meta política de investir no estabele-

cimento de um novo relacionamento entre a Reitoria da UDESC e FAED, buscando reduzir atritos sem permitir a perda dos espaços conquistados. Esta mudança de relacionamento, é suporte indispensável à manutenção e ampliação da função social da FAED como instrumento formador de consciência política e de uma estrutura social mais justa. Entre as muitas necessidades gritantes da FAED, prioriza-se: 1) solução urgente do espaço físico, com início da construção das novas instalações, ainda no 1º semestre de 1997. A falta do espaço físico é causa inibidora, da manutenção e ampliação da qualidade da FAED. Não menos importante, é a implantação de novos equipamentos, programas e projetos necessários para a informatização. Isto vem facilitar o desempenho da FAED, tanto na área administrativa como pedagógica. Também é de suma importância, que através de tratativas com a Reitoria da UDESC, possamos liberar concursos públicos, para as vagas oriundas da aposentadoria de docentes. Esta luta quer representar docentes efetivos e redução do número de professores colaboradores, pois entendemos que estes são a excepcionalidade. Outras necessidades serão priorizadas, a partir de conversações com a Reitoria, na busca de uma FAED melhor



Da esquerda para a direita: Prof. Paula, Prof. Osni e Prof. Jimena.

JF - Como você percebe a atual crise da universidade brasileira?

Osni - Falar em crise da universidade brasileira, não é coisa nova. Desde a criação da primeira universidade brasileira, 1912 ou 1925, não importa, mas observando-se que a sua criação foi no sentido de favorecer as elites burguesas. Portanto, não é de se estranhar que hoje, os interesses dos detentores do poder e poder econômico sejam bem mais aperfeiçoados. Na universidade brasileira, a ingerência do neoliberalismo se faz sentir com grande intensidade, como a Lei nº 9.192/95 que direciona a escolha dos dirigentes das universidades; o substitutivo Darcy Ribeiro que busca beneficiar os interesses privados; a Lei nº 9.131/95 que cria o exame de final de curso; a PEC nº 233/95, que propõe o fim da autonomia da universidade; a subordinação à política do Banco Mundial; e o ideário da qualidade total, fazem a força impeditiva de gerar transformações condizentes com a universidade pública, gratuita, autônoma, democrática e competente. Estas ingerências de forças estranhas, não são próprias de uma universidade comprometida com o desenvolvimento nacional e com interesses majoritários da população, e em consequência transformando-se numa universidade afastada da função social de fazer: da pesquisa a criação de novos saberes; do ensino um trabalho de formação crítica e autocrítica, da extensão um instrumento para o desenvolvimento econômico e social. Esta é a grande crise que incorpora a universidade brasileira.

MARIA PAULA CASAGRANDE MARIMON:

"Para darmos um salto qualitativo precisamos aprimorar a capacitação de pessoal em todos os níveis"

JF - Quais suas principais propostas de gestão?

Paula - Temos hoje um quadro, na área da pesquisa, extensão e pós-graduação, bastante favorável em termos de FAED, mas para darmos um salto qualitativo precisamos aprimorar (ou quem sabe apressar) a capacitação de pessoal em todos os níveis, desde a produção aos serviços. Hoje os nossos primeiros doutores estão retornando, nos tornando aptos a concorrer às fontes de financiamento das agências nacionais tradicionais, permitindo assim aprimorar as ações integradas de pesquisa-ensino-extensão. Envidar esforços a favor da ampliação dos cursos de pós-graduação. Também devemos desenvolver os mecanismos de divulgação e publicação de nossas atividades (fazemos muito e não divulgamos bem). Há necessidade de melhorar os apoios administrativos e técnicos, em todos os níveis, estabelecendo rotinas mais simplificadas, reduzidas ao fundamental. Desenvolver ações no âmbito do convívio social, para melhoria do ambiente de trabalho. Há necessidade de melhoria urgente da biblioteca, desde a ampliação do acervo a informatização. Na busca incansável de níveis qualitativos sempre superiores, é indispensável garantir o espaço democrático do debate acadêmico.

JF - Como você percebe a atual crise da Universidade brasileira?

Paula - O ambiente acadêmico, de uma forma geral, está enclausurado, tendo cortado seus elos de ligação com a própria comunidade que o gerou, paga sua conta e o cerca. Na necessidade de canalizar recursos extras para as Universidades, e como estes recursos são disponíveis à pesquisa, outras áreas, como a extensão, que se caracteriza pela interação direta com a sociedade, perderam prioridade e força. Nossa Universidade tem a área de extensão bem estabelecida, bem como nosso Centro, e desenvolve ações respeitadas a nível nacional.

JIMENA FURLANI

JF - Por que você quer ser Diretora de Ensino?

Jimena - Num centro que tem a formação de professores como um dos principais motivos da existência de seus cursos, um ensino de

qualidade é mais do que simplesmente uma questão de coerência. Trata-se de um compromisso social e político.

Penso que a competência profissional, que tenho buscado em trabalho em sala de aula, é algo que se constrói gradativamente, ao longo do processo de formação e na prática escolar, a partir de uma opção pedagógica consciente, a partir da produção e da difusão do conhecimento novo e de significado social (o que indissocia o ensino da pesquisa e da extensão, a partir do trabalho educativo como compromisso, a partir de uma opção política).

Optar politicamente significa participar, contribuir, se engajar, assumir responsabilidades, admitir limitações, esforçar-se na superação das dificuldades... mas nunca, nunca deixar de contribuir.

Esta visão de atuação profissional e de compromisso com meu Centro, meus colegas, meus alunos, tem me impulsionado a constantemente rever e melhorar minha atuação como professora, da mesma forma que tenho procurado contribuir nos mais diversos setores da vida acadêmica (como Chefe do Departamento de Fundamentos da Educação, como membro do NES, como professora em cursos de graduação e pós-graduação, como membro do colegiado de Geografia, como coordenadora de projetos de pesquisa e extensão).

Sinceramente digo a toda FAED: aceitei a indicação de meus colegas com medo. Medo de decepcionar, medo de não conseguir. Hoje encontro-me convicta de que posso contribuir para a construção de uma FAED melhor. Sinto que podemos (eu, Paula e Osni) ajudar nosso Centro a crescer, a ampliar suas últimas conquistas e a vislumbrar outras. Acredito que uma gestão se faz com participação, com paixão, com determinação, com compromisso e com todos... todos os professores, alunos e servidores da nossa FAED.

EDUCAÇÃO, POLÍTICA E MÉTODO

Maria Lúcia Bastiani

A discussão sobre a ação educativa - qual seu papel, como ela se faz e de que se utiliza - vem sendo fundamental para compreendermos o processo que nós, educadores, empreendemos. Educadores que também se vêem como aprendizes, numa constante relação interativa entre o aprender/ensinar.

Neste sentido, focalizarei inicialmente ação educativa como ação política. A seguir, como o método - do qual utiliza-se o educador - serve a esta ação e, por fim, enfocarei alguns instrumentos metodológicos que vêm sendo considerados básicos no processo educativo que propõe uma postura dialética do educador na elucidação e formulação de sua prática.

"Um leitor que não leia para crer e aceitar, mas sim para ponderar sempre a quem cada texto pode beneficiar". A colocação de Azevedo vem mostrar não só a relação existente entre educação e política, mas vem, sobretudo, propor uma ação educativa que não sirva apenas como "artefato ideológico e enquanto tal, possa transformar-se mais em um obstáculo do que um catalisador da emancipação das classes oprimidas. Neste sentido, a autora considera a importância da leiturização mais do que a alfabetização, já que aquela permite formar o leitor crítico, abre espaço para a re-leitura do texto, a re-construção do sentido que cada texto pode promover, em contrapartida a simples decodificação da palavra.

Conforme Freire "a compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo". Esta leitura que Freire chama "leitura de mundo" é um ato político e vem reafirmar a colocação anterior.

Da mesma forma como não acredito na "neutralidade da ciência" - posição esta defendida pelo positivismo Comtiano - vejo a ação educativa como ação política, carregada de significados, portanto, sem neutralidade. Faz parte do processo educativo a história social da espécie,

bem como, a história dos indivíduos. Para tanto, contamos aqui com o olhar de cada um sobre/no mundo e com o olhar no momento histórico das sociedades. Porém, se faz oportuno dizer que a não-neutralidade não significa manipulação ou doutrinação de uns sobre outros. Significa antes, a constante re-construção - através da reflexão crítica - para que de forma cada vez mais transparente, possa o educador pensar e agir sobre sua prática numa postura dialética. Postura esta que propõe o pensar, a re-significação, a re-leitura, o olhar sobre si mesmo, constantemente, no sentido de promover a autoria dos sujeitos na construção do mundo.

Assim, se vemos o processo educativo como um ato político, a questão do método também se faz política. Uma vez que no eixo de cada atividade existem subsídios metodológicos que compreendem e orientam formas e procedimentos teóricos envolvidos numa prática e vice-versa, constitui-se ele um instrumento fundamental de ação política. Contudo, se não quisermos incorrer ao absolutismo autoritário é procedente que nos coloquemos também, diante do método, numa postura dialética. Postura esta que pode assegurar a não manipulação e o doutrinamento a que fiz referência anteriormente.

Ainda, termos no eixo da ação educativa uma proposta metodológica, não só se faz importante como necessário a fim de sistematizarmos nossa práxis. Caso contrário, ficamos a mercê da ação espontaneísta descomprometida que, conforme Freire (já citado) "o espontaneísmo é licencioso, por isso irresponsável".

Considerando assim, o método como fundamento teórico que embasa uma prática - e vice-versa - venho explicitar brevemente alguns instrumentos metodológicos dos quais pode servir-se o educador no exercício de sua ação. Estes instrumentos a saber: observação, planejamento, registro, reflexão e avaliação vêm sendo propostos por Weffort no seu trabalho de Formação de Educadores dentro de uma Concepção Democrática de Educação.

- Observação - É através dela que o educador também faz sua leitura de mundo em constante interação com educandos. pela observação lemos a necessidade, o significativo. É o olhar não estereotipado, com amplitude para que se possa formular um planejamento de trabalho que considere tanto o conteúdo da matéria quanto o conteúdo do sujeito.

- Planejamento - É o pensar com significado a partir da leitura da observação. Planejar tem assim texto e contexto. Tem conteúdo tanto da matéria - área a ser trabalhada - quanto dos sujeitos ali envolvidos. O planejamento conta com o pensar dinâmico do educador na relação com educandos.

- Registro - Registrar habilita, estrutura o pensar porque faz parte do algo que é apreendido tanto para quem observa como para quem é observado. Registrar marca o pensar, abre espaço para a reflexão e permite a apropriação da prática e da teoria.

- Reflexão - A reflexão sobre o que observamos, planejamos e registramos possibilita transformarmos o saber e construirmos o que ainda não se conhece, o que necessitamos aprender. A reflexão faz o pensamento em movimento, formula a nova ação, a re-leitura, o re-significado.

- Avaliação - Instrumento este imprescindível à ação educativa que compreende educação como uma construção constante e infundável. De acordo com Weffort (já citado) "Avaliar vem marcar o que se sabe e abre espaço para o que ainda não se sabe e precisa ser pesquisado, pensado. Liga-se assim ao planejamento, que com os encaminhamentos do educador, dá continuidade e aprofundamento ao conhecimento."

Maria Lúcia Bastiani é mestrande em Educação e Cultura pela FAED/UEDESC.

EM BUSCA DE UM SIGNIFICADO

Rosinei da Silveira

Vivemos num mundo de rápidas transformações tecnológicas. E estas transformações estão fazendo com que o bicho homem, consciente ou inconscientemente, procure se adaptar a certas novidades. Isto tem provocado à maioria das pessoas uma sensação de que o passado, o que ficou para trás, é "coisa" que não tem utilidade em nossa sociedade.

Felizmente, ainda existem bichos homens neste emaranhado de "modernização" da sociedade que estão preocupados em restaurar algum sentido, significado, para o passado. Entre esses bichos homens podemos pegar o exemplo do professor de História. Este profissional tem se preocupado com a busca de um caminho coletivo, com o objetivo de colocar o educando no processo de reflexão histórica, eliminando a reprodução de conteúdos instituídos no sistema escolar.

Neste encaminhamento, os professores de História estão assumindo o caráter de mediador entre o educando e o mundo que o rodeia, a sua experiência, no trabalho de reflexão sobre a história, que busca um significado para o saber histórico instituído no sistema escolar.

Mas, com a evolução secular das forças produtivas, como pensa Benjamin, com as

relações selvagens capitalistas, a arte de narrar, aquele que traz a experiência relatada pelo narrador ou a relatada por outros, está em vias de extinção.

No atual estágio do capitalismo, é preciso que o professor de História recupere a figura do narrador, pois estamos privados da faculdade de intercambiar experiências. Quando este professor admite a narrativa, ele está promovendo uma troca de experiências que implica na indagação sobre a historicidade da experiência social, hoje e em outros momentos da História.

No atual estágio do capitalismo, é preciso que o professor de História recupere a figura do narrador, pois estamos privados da faculdade de intercambiar experiências.

Portanto, uma pergunta é interessante: diante das necessidades criadas pelo capitalismo, o bicho homem tornar-se facilmente acessível a um significado do passado? É

claro que não podemos esconder a enorme resistência oferecida por esse bicho homem. Mas é preciso saber que o esforço do professor de História em provocar mudanças no ensino e dar um significado ao passado para esses bichos homens de nossa sociedade de consumo, é também um esforço de mudar "um pouco" a sociedade, mesmo sendo a longo prazo. A narrativa colocada por Benjamin pode ser um caminho para esta ação. Quando levamos em consideração o educando na sua expressão de

suas reflexões diante do relatado, este educando estará construindo seu conhecimento que poderá ser transformador, hoje ou amanhã, na escola ou na sociedade como um todo.

Texto elaborado para a disciplina Didática Especial de História em 96/2

Rosinei da Silveira é aluno da 9ª fase do curso de História do Centro de Ciências da Educação da UDESC

ORIENTAÇÕES GERAIS PARA PUBLICAÇÃO DE ENSAIOS NO JORNAL DA FAED

- Os originais devem ser encaminhados até o dia 10, para publicação no mesmo mês;
- Os trabalhos devem limitar-se, preferencialmente, ao mínimo de 8 (oito) e ao máximo de 10 (dez) laudas de 20 (vinte) linhas de 60 (sessenta) toques, para publicação em página inteira, ou o correspondente para publicação em meia página, assinados e rubricados pelo autor;
- Pseudônimos devem estar acompanhados da identificação do autor;
- Originais não publicados não serão devolvidos;
- *Jornal da FAED* não divulga trabalhos que façam qualquer espécie de publicidade comercial;
- Todos os trabalhos serão submetidos a revisão gramatical e ortográfica antes da edição;
- Participe do *Jornal da FAED* enviando seu artigo para publicação. Manifeste seu pensamento!

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO NA HOMOSSEXUALIDADE FEMININA: RETRATANDO AS FORMAS E ESTILOS DE VIDA

Rosane Maria de Godoy

Vivemos em uma sociedade consumista dominada pelo capital, machista, onde predomina os valores do patriarcado. Num mundo dominado pelos homens, a mulher encontra-se numa imposta condição de inferioridade, assumindo papéis muitas vezes que não condizem com a sua vontade, mas que são "naturalmente" destinados à ela.

Neste contexto social, as lésbicas que são duplamente discriminadas (por serem mulheres e por serem homossexuais), buscam construir uma representação de gênero, criando uma identidade própria. Neste sentido Aquino (1995), afirma que "há uma multiplicidade de estilos de vida e de escolhas do lesbianismo, que se expressam nas classificações, definições, nomeações e hierarquizações da própria conduta homossexual" (p.79).

Nesta busca da identidade sexual feminina são várias as designações, tais como: homossexuais, lésbicas, sapatão, mulher-macho, machorra, drag kings ("rainhas barbadadas"), entre outras que são faladas cotidianamente, às vezes de forma preconceituosa, pelo senso comum, outras como forma de identificação de tal vivência sexual.

Aquino (1995) destaca num trabalho realizado sobre o discurso da homossexualidade feminina, em Porto Alegre-RS, que as mulheres acreditam que a palavra *homossexual* é menos pejorativa do que lésbica. Lésbica estaria associado à imoralidade, coisa suja, e *homossexual* já denotaria um aspecto político, pois é abrangente, envolvendo todas as variações da homossexualidade.

No berço da homossexualidade moderna (Londres), encontramos denominações como: *Boysish* - levemente masculinas; *butch* - sapatão - gostam de práticas sadomasoquistas; *Diesel* - *Dyke* - caminhoneiras e avantajadas; *Femme* - superfemininas e frágeis; *Lesbian by a chance* - heterossexuais que tem aventuras com mulheres; *Lesbian - casual* - traje despojado; *Lipstich* - mais femininas; *Lesbian - chic* - ricas e sofisticadas.

Estas representações da identidade homossexual feminina, geram uma variação na forma de assumir o gênero, ou seja, algumas mulheres assumem papéis masculinos e outras papéis femininos, não só do ponto de vista de estilo de vida, como também no nível de vivências e práticas nas relações amorosas. Algumas descobrem, ou preferem o gênero elegante e vaidoso, não assumindo o aspecto "masculinizado". Conferem a si um toque mais feminino, como aponta Vitória (1994). Exemplo disso é o fenômeno "lesbian chic", lançado pela

Revista "New York", salientando a idéia de que esta prática traz uma forte conotação de classe, de etnia e de idade, pois expressa tanto uma posição de classe, como um privilégio, quer dizer, apresenta o lesbianismo como uma "moda", que mais cedo ou mais tarde poderá passar. Esta forma de encarar a homossexualidade como bem ressalta o seu próprio autor (Pinto, 1994), valoriza o visível e tende a reafirmar o poder patriarcal e falocêntrico.

Neste sentido é interessante refletir acerca das variações observadas nas inúmeras denominações da identidade sexual, na sua escolha e nos motivos que a determinam. Observa-se que, embora a orientação sexual prevaleça dentro da homossexualidade, a vivência do gênero assume significativas variações.

Poderíamos perguntar até que ponto estas práticas influenciam ou não, as manifestações do desejo e as fantasias sexuais (nas vivências e no imaginário erótico), ou são influenciadas por elas? Será que é só aprendido ou as mulheres que expressam o gênero masculino (ou identificam-se com o papel masculino de conduta), buscam aparentar segurança e virilidade? Será que estas são características que garantem a identidade masculina? O que querem as mulheres que procuram relacionar-se com este gênero? E as que identificam-se com o gênero feminino?

É importante que retratemos estas situações considerando a possibilidade de influencia, não só da aprendizagem na reprodução dos papéis sexuais mas, dos mecanismos de erotização mental relacionados a eles e envolvidos na definição das vivências sexuais escolhidas. Para não incorrer no erro de realizarmos julgamentos estanques e isolados é preciso fazer um esforço para compreendermos as variações na homossexualidade feminina, o que proporcionaria uma maior visibilidade e conhecimento de tal tema.

Mott (1987) ilustra esta questão dizendo que isto se "deve à cegueira, indiferença e preconceito dos homens face a sexualidade feminina, considerada assunto de menor importância e indigno de atenção do sexo forte" (p.8).

Portinari (1989) discute acerca do discurso homossexual feminino, retratando que a primeira figura do discurso das mulheres é "o então eu soube que sempre fui" (p.67). Salienta que não se inscreve no discurso sozinha, mas que

geralmente não se percebe o outro, pois não é concreto e sim imaginário. Quer dizer, na construção da identidade homossexual, os elementos que a definem são construídos socialmente e culturalmente, a partir dos discursos que são produzidos no cotidiano.

Nesta discussão acerca da identidade de gênero, precisamos ter clareza sobre seu conceito. Neste sentido Buffon (1992), salienta

que é o estudo das diferenças entre masculino e feminino, não biológico, portanto construído na cultura e na história, que fará a diferença. Percebe-se que na medida em que os estudos sobre as mulheres ("o feminino") toma outro rumo, fundamentalmente

a partir da década de 80, quando surge a discussão de papel de gênero, em virtude das lutas das feministas em prol de sua emancipação, inaugura-se outro cenário, pois contesta-se os papéis de "naturalidade" considerados exclusivos da mulher.

Simone de Beauvoir ilustra bem esta questão com a famosa frase "não se nasce mulher, torna-se mulher" (Buffon apud Franchetto et alii, 1981, p.32-33). Com isso, é possível dizer também que a identidade de gênero na homossexualidade feminina é construída, variando de cultura para cultura, e que cada vez mais as homossexuais procuram construir um espaço de forma que se enfatize o aspecto político de tal vivência sexual e afetiva, na tentativa de romper com os estereótipos construídos, que consolidam mitos e tabus.

As formas e estilos de vida retratados anteriormente permite-nos perceber que as homossexuais femininas, a cada dia, buscam viver sua sexualidade de forma plena, inserindo-se num discurso humanizador que vise a possibilidade de expressar e viver a sua homossexualidade. Uma conduta que procura abandonar a submissão, a omissão, a passividade e a dependência, na luta por "desnaturalizar" e "desconstruir" o feminino. Parece-me que as mulheres homossexuais são corajosas, pois nesta sociedade sexista pelo machismo, ousam amar e desejar eroticamente outra mulher, vivendo na clandestinidade ou assumindo-se publicamente, transgredindo padrões sócio-culturais impostos, o que também não importa; o fundamental é que elas "aceitas ou não", buscam a felicidade e a satisfação pessoal, no desejo ardente, sexual e afetivo, pela sua companheira.

Rosane Maria de Godoy é pedagoga com habilitação em Orientação Educacional (FAED/UEDESC); Pós-Graduada do Curso de Especialização em Educação Sexual (FAED/UEDESC e bolsista do Programa de Iniciação Científica - CNPq (94/96).

"Parece-me que as mulheres homossexuais são corajosas, pois ousam amar e desejar eroticamente outra mulher"

Bibliocanto

Wanja Marques de Carvalho

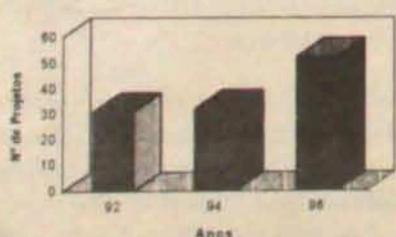
⇒ **Disseminação da Informação:** A Biblioteca Setorial/FAED está estruturando um serviço de disseminação da informação através de E-mail, para professores, funcionários e alunos de pós-graduação. A CI-BIBLIO nº 038/96, comunicando o procedimento, está sendo enviada aos interessados e divulgada nos murais da Biblioteca, do DAPE e no Livro de Ponto.

⇒ **Semana do Livro e da Biblioteca:**

A Biblioteca Setorial/FAED esteve representada por sua Chefia, no Debate "A Comunicação Pedagógica da Biblioteca Universitária" ao lado do Prof. Lúcio Botelho - Vice-Reitor da UFSC e do Prof. Dr. José Angotti - CED/UFSC, no 15º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, que aconteceu nas dependências da Biblioteca Universitária da UFSC no período de 21 a 23/10 corrente. Sentimo-nos honrados com o convite e a oportunidade de expor ao questionamento, as reais funções de uma Biblioteca e até que ponto é considerada dentro da estrutura organizacional. A expectativa que se tem dos serviços de uma Biblioteca Universitária nunca corresponde ao que realmente usufruímos e isto se dá, em sua maior parte, por deficiências gerenciais. As Instituições mantenedoras, com raras exceções, não privilegiam as bibliotecas em seus planos de ação. Quando se trata, então, de uma Biblioteca Universitária, não se pode esperar que ela acompanhe a prática pedagógica instituída, se não está ao par dela. Deve haver uma co-responsabilidade entre o professor e a Biblioteca, no sentido de fazer com que o estudante de 3º grau seja o sujeito de sua própria formação. São sempre oportunas as ocasiões em que se pode levar este assunto a nível de discussão. Esperamos que a conscientização tenha sido um primeiro passo.

⇒ **AVISO:** Solicitamos aos usuários que estão com material pertencente ao acervo da Biblioteca Setorial e que estejam em prazo de vencimento, que providenciem sua devolução ou renovação. A Biblioteca entrará em fase de inventário geral no mês de dezembro, numa preparação para os novos serviços que serão oferecidos no próximo semestre, em razão do que não abrirá para atendimento externo no referido mês. A chefia da Biblioteca considerará como suficientes, para conhecimento do fato, a divulgação neste espaço e a afixação de avisos nos murais da Biblioteca.

NÚMERO DE PROJETOS (PESQUISA E EXTENSÃO) - FAED

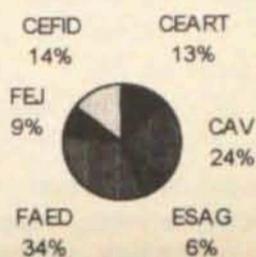


1ª JORNADA ACADÊMICA DA FAED/UDESC

Ione Ribeiro Valle & Vera Lucia Gaspar da Silva - Especial para o JF

A Jornada Acadêmica da FAED, realizada entre os dias 21 e 24 de outubro, se consolidou enquanto espaço de socialização do conhecimento que tem sido produzido pela comunidade faediana através de pesquisas, bem como, dos trabalhos que vem sendo desenvolvidos em atividades de ensino (monitoria, trabalhos das disciplinas, monografias, projetos de monografia e dissertação e projetos de extensão). A divulgação desta Jornada iniciou com o semestre letivo, integrando o calendário acadêmico da FAED. Foram utilizados também outros meios para divulgação como: painel eletrônico, cartazes, jornal da FAED (nº 16), além de terem sido endereçadas correspondências a todos os inscritos contendo informações sobre data, horário das apresentações, orientações para apresentação, sistemática dos trabalhos e da avaliação. Cópia dessas correspondência foram afixadas em mural no hall da FAED.

NÚMERO DE TRABALHOS INSCRITOS EM 96 - UDESC



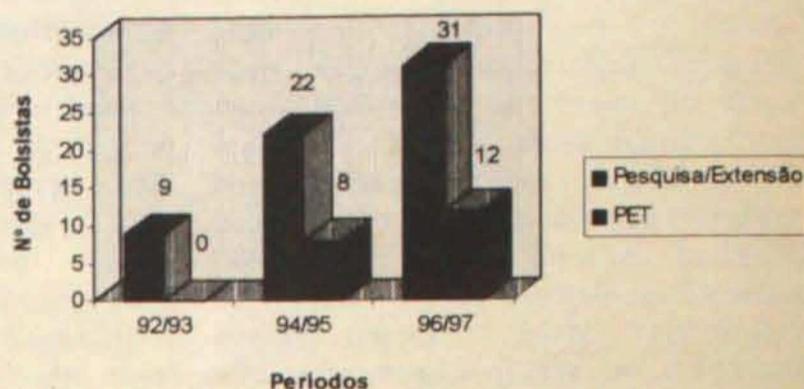
Número de Inscritos: Apesar do pouco tempo reservado para as inscrições, constatou-se um número "record" de trabalhos apresentados, considerando-se inclusive a FAED no conjunto da UDESC, como mostra o gráfico acima.

Considere-se, também, a evolução dos trabalhos na breve série histórica, abrangendo, como referência, os anos de 92, 94 e 96. Em 1992, a FAED participou com 10% dos trabalhos inscritos. Em 1994, com 12%, chegando em 1996, a 34% dos trabalhos inscritos no conjunto da UDESC. A expansão observada reflete a ampliação do número de bolsas (pesquisa, trabalho e monitoria), projetos de pesquisa, extensão e pós-graduação, verificada nos últimos anos, como pode ser visualizado no outro gráfico.

Participação dos faedianos: Mesmo com os dados animadores apresentados, observou-se que a comunidade faediana tem um longo caminho a percorrer no sentido de sedimentar uma cultura com "status" de universitária. Apesar da mobilização e empenho de parcela significativa de nossos pares, a participação do público ainda é bastante tímida, o que o priva público de informações científicas atualizadas (o que se pode considerar uma sutil forma de sonegação) e de exercitar a tão propalada interdisciplinariedade. Isso reflete também, nossa fragilidade no sentido de estar articulando atividades de pesquisa e extensão com nossa atividade pedagógica cotidiana, que tem como espaço a sala de aula.

Sistemática de Apresentação dos Trabalhos: Para elaborar a programação buscou-se agrupar os trabalhos inscritos por temas e/ou cursos, constituindo-se sessões de trabalho. Para cada uma dessas sessões foram convidados professores, no intuito de qualificar e fomentar o debate dos trabalhos apresentados. Esses professores recebe-

NÚMERO DE BOLSISTAS POR PERÍODO - FAED



Comissão Organizadora da 1ª Jornada Acadêmica da UDESC. Terceira da esquerda para a direita, Prof.ª Dr.ª Geraldina Witter, proferiu a palestra "O ambiente acadêmico como fonte de produção científica".



ram previamente cópia dos resumos de cada trabalho a ser debatido. Foram convidados, também, professores que assumiram a coordenação de cada sessão. Essa participação, sem dúvida, qualificou esta Jornada, contribuindo para consolidar sua credibilidade, pela atuação dedicada, séria, competente de cada debatedor e de cada coordenador convidado.

A Qualidade dos Trabalhos. A FAED produz: Quem acompanhou a apresentação dos trabalhos teve a oportunidade de redefinir seu conceito em relação a produção acadêmica da FAED. Alunos e professores vêm consolidando uma produção científica respeitável, que deve ser socializada e utilizada como referencial nas aulas aqui ministradas. O tabela abaixo registra informações quanto aos trabalhos apresentados.

Há que se registrar, no entanto, que, embora se tenha observado um grande número de trabalhos, muitos autores se repetem, o que demonstra uma concentração da produção em torno de um grupo ainda reduzido de pessoas.

Nosso desafio agora concentra-se na busca de estratégias que contribuam na sensibilização de nossa comunidade, para que amplie sua produção, divulgue-as e participe de nossos eventos.

Trabalhos apresentados na modalidade apresentação oral

Tema ou Curso/ Modalidade	Educação Sexual	Pedagogia e Mestrado	Geografia	Educação Ambiental	Biblioteconomia	História
Trabalho de disciplina	6	2	7	-	-	-
Projeto de Monografia	18	-	-	2	-	-
Monografia	-	1	-	1	-	-
Projeto de Dissertação	1	1	-	-	-	-
Dissertação	-	-	-	-	1	1
Trabalho de Estágio	-	1	1	-	-	-
Monitoria	-	2	1	-	-	-
Pesquisa	2	17	8	-	2	9
PET	-	-	1	-	-	-
Extensão	-	9	1	-	-	-
Subtotal	26	33	19	3	3	10
Ausentes	2	1	1	-	1	-
Total por Área	28	34	20	3	4	10

A CONCRETIZAÇÃO DA UTOPIA

Gláucia de Oliveira Assis - Especial para o JF

Passaram-se quatro anos e aqui estamos para mais uma eleição. Para os que já participaram de um processo eletivo na FAED este é um momento de reflexão e análise. Como se concretizou a utopia? Quais os sonhos que ainda partilhamos? São perguntas que se colocaram no momento em que abriram-se as inscrições para as chapas.

Alunos, professores e funcionários começaram a se perguntar quem se candidataria às eleições. Embora embolada num processo maior, que são as eleições municipais, as eleições na FAED nos colocam questões significativas para a nossa identidade de faedianos, pois sabemos que quem for eleito encontrará um cenário de desafios institucionais, administrativos e políticos.

Como novata na casa, acompanhei pela primeira vez os preparativos de uma eleição para direção de centro. Nestes momentos as diferenças acadêmicas, políticas e de projetos de universidade começam a tomar forma. Foi interessante acompanhar a discussão em torno de nomes e propostas. Professores, alunos e funcionários se movimentaram em conversas que envolveram cafés, debates e divergências.

O pano de fundo das discussões, foi a administração de Maria da Graça Soares que representou o empenho de um grupo em transformar a FAED num centro de qualidade efetiva projetando-a nos planos de ensino, pesquisa e extensão, mesmo numa conjuntura de embate constante e muitas vezes desgastante com a reitoria. Indicativo deste salto qualitativo foi o crescimento da participação de professores e alunos em projetos de pesquisa e extensão que fizeram da última Jornada acadêmica da FAED um painel de um trabalho contínuo, árduo e cheio de paixão em torno da produção acadêmica.

Deste modo, a composição das chapas de certa maneira colocou-se diante do seguinte dilema: ou aprofundar os acertos desta gestão e tentar uma correção nos aspectos frágeis da mesma ou propor um distanciamento da identificação com administração e traçar outro panorama para a universidade, uma alternativa ao que estava posto. Nas salas de aula, nos corredores, na cantina, nas reuniões um zum... zum... zum... em semanas chapas se for-

maram. Estava pintando o cenário de uma acirrada disputa, salutar para o jogo democrático e para o amadurecimento de nossas utopias de uma universidade cidadã, pois o que se colocaria em discussão é qual a universidade que queremos. As cartas foram lançadas e depois de tantas discussões e debates nos bastidores, apenas uma chapa se registrou. As eleições tomaram um caráter plebiscitário na qual torna-se fundamental nos inteirarmos das propostas, dos projetos para que possamos democraticamente pensar qual a FAED que queremos.

A chapa FAED RUMO AO NOVO MILÊNIO está aí para discutirmos suas propostas. O prof. Osni para a direção Geral, a Prof. Maria Paula para a direção de Pesquisa e extensão, e a prof. Jimena para a direção de Ensino trazem uma proposta de consolidação da qualidade no ensino, na pesquisa e extensão articulando *experiência e compromisso*.

Uma chapa que tem propostas é um convite ao debate e a participação de todos. Pensar a FAED RUMO AO PRÓXIMO MILÊNIO é pensar em que tipo de profissionais queremos ser e formar, bem como, para qual tipo de sociedade. É enfim, tornar a utopia um projeto que se concretiza com projetos de médio e longo prazo. Vamos participar dessa discussão. Dê uma olhada na proposta, comente, pergunte, discuta, ajude a concretizar a utopia.

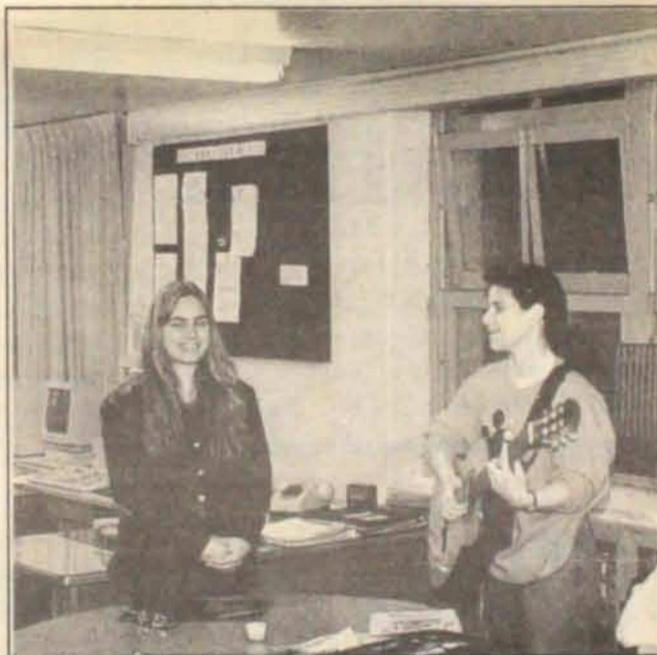
- 1 - Dar continuidade a política de capacitação técnica, administrativa e docente;
- 2 - Investir na humanização das relações interpessoais visando qualidade de vida no trabalho;
- 3 - Intensificar a informatização da FAED;
- 4 - Incrementar políticas mais efetivas de interface com outros órgãos e instituições públicas ou particulares;
- 5 - Reafirmar a defesa da Universidade Pública, gratuita e lutar pela democratização do acesso ao ensino;
- 6 - Propor soluções para o problema de espaço físico;
- 7 - Fortalecer a organização política na FAED dos docentes, acadêmicos e funcionários, respeitando o pluralismo político peculiares a cada segmento;
- 8 - Preparar a FAED para o próximo milênio envolvendo a comunidade universitária na elaboração deste projeto.

Agência JF

Carlos Eduardo Moreira da Silva



VIAGEM DE ESTUDOS - Alunos do Curso de História da FAED/UESC em viagem de estudos, na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. A viagem foi realizada nos dias 12 a 19 de outubro, passando por Parati, Rio de Janeiro, Petrópolis, Vassouras e São Paulo, sob a coordenação das professoras Vera Lúcia Schappo e Sílvia Arend. Alunos e professores estão encantados e prometem novos projetos para o próximo semestre.



ANIMAÇÃO - Professoras Fernanda Destri (à esquerda) e Jimena Furlani (com violão) cantam durante a votação do representante discente no CONSEPE, em 1º de outubro.

Prof^a. Ana Juliano foi reeleita para o CONSEPE

No dia 1º de outubro de 1996 realizou-se a eleição para representante docente na FAED no Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). A chapa 1, composta pelas Professoras Ana Juliano (titular) e Mariane Dal Santo (suplente), venceu a chapa 2, composta pelas Professoras Sônia M. Martins de Melo (titular) e Neli Góes Ribeiro (suplente) por 45 a 24 votos. De fato, foi uma vitória folgada e tranqüila.

Egressos de História da FAED ingressam no Mestrado da UFSC

Neste mês, cinco ex-alunos do Curso de História da FAED foram aprovados no Curso de Mestrado da UFSC: Cláudia Cristina Zanella, Antônio Elíbio, Márcia Alves, Emerson de Campos e Santino de Andrade. Este último foi o primeiro colocado. Este número é significativo, pois os egressos faedianos ocuparam um terço das vagas. Parabéns!

Sintonia FM

Fernando Moreira



CLIPS NA REITORIA - Comenta-se no Itacorubi que determinado elemento do poder central tem o indigesto hábito de deixar morrer em sua mesa importantes documentos, que, sofrendo solução de continuidade, acabam por prejudicar o bom andamento dos atos administrativos. Sua mesa é conhecida como UTI, já que muitos documentos que para lá vão, acabam morrendo por lá mesmo. Como competente segurador de papéis que é, tal servidor poderia ser requisitado para substituir os "clips" que atualmente andam em falta no almoxarifado da "casa grande" - leia-se Reitoria, conforme informações que rolam aqui na "senzala" - leia-se FAED.

SUCESSÃO NA FAED - Como todos que estão no poder, a Direção da FAED não poderia achar que ficaria incólume, sem opositores, alguns declarados, outros mais dissimulados, mais afeitos às fofocas de corredor". Pois, nem estes, nem aqueles, com toda a vontade de boicotar a ascensão da equipe que se propõe continuar o trabalho da atual administração, não conseguiram juntar um grupo capaz de disputar o pleito do dia 12 de novembro. Lamentavelmente, vamos de chapa única, para alegria de uns e tristeza de outros.

DO LEITOR - Transcrevemos, abaixo, duas missivas recebidas de leitores assíduos:

✉ "Nas oito páginas do Jornal da UDESC, o nome do Sr. Reitor aparece 29 vezes. Mas fotos foram só 14.

Isso parece coisa de quem não tem o que fazer. Mas na verdade trata-se de preservar o dinheiro público e fiscalizar o uso da 'máquina', para que ela não seja apropriada de forma privada e utilizada como veículo de promoção pessoal de quem quer que seja. A propósito, quanto custou para a UDESC o bonito material confeccionado pela Administração da UDESC para que fosse estabelecido um contato direto entre estudantes e Reitor, como foto e cartão de apresentação? Talvez fosse menos dispendioso para a Universidade e mais correto, do ponto de vista da formação dos cidadãos, que a reitoria se preocupasse em estimular a organização dos segmentos que compõem a Comunidade Universitária, chamando as entidades representativas dos três segmentos para discutir os rumos desta Universidade" (Manoel Luis Martins da Cruz, Professor da Universidade do Rio Grande e Aluno do Curso de Mestrado em Educação e Cultura da UDESC).

✉ "Senhor Editor: Leitora do Jornal da FAED, desde seu lançamento e na qualidade de mãe de aluna do Curso de Pedagogia, sinto-me à vontade para tecer alguns comentários sobre esse veículo de comunicação. Não bastasse a atualidade das matérias de interesse científico, voltadas à área educacional, este periódico traz em sua última página, textos de excelente qualidade literária, seja pelo conteúdo, seja pela forma, numa linguagem informal, crítica e irônica, que proporcionam momentos de descontração e entretenimento, tão raros nos dias atuais" (Enilda K. Pires. Coqueiros, Florianópolis).

**BAR DO ROSÊNIO:
SUA MELHOR OPÇÃO EM
LANCHES.
ABERTO DIARIAMENTE,
DURANTE O HORÁRIO DAS
AULAS.**

DELIRIUM TREMENS

Jairo Cardoso

Quarta ou quinta ou sexta, o dia não importa, qualquer noite é noite para beber. Procurarei o bar mais vazio da cidade, quero ficar só, longe das pessoas felizes, felizes e iludidas, iludidas e satisfeitas, satisfeitas e mediocres. Preferirei o balcão à mesa no fundo escuro, não espero companhias ansiosas e indesejadas, não suporto frustrados carentes e medrosos. Ninguém se conhece no balcão e quem se conhece se detesta. Os sujeitos ao lado transpiram mágoa e rancor, contagiosos e venais, contagiosos porque indissimuláveis, venais porque semelhantes. Incomodam-me os cotovelos agressivos invadindo o espaço exiguo, a fumaça dos cigarros irritando os olhos baços, o gelo batendo nos copos e ouvidos torturados. Nada que eu não repita por opção e vingança, mas a mim se permite o desrespeito, minhas dores são únicas, verdadeiras e onipotentes.

Preferirei o balcão à mesa acolhedora e pedirei cerveja, pitonisa de um alívio efêmero, que esquenta fácil e acaba rápido. Ao que chamam prazer, chamo paliativo, beberei sem camara-

das ou interlocutores, apertos de mão e tapinhas nas costas, opiniões e elogios, três beijinhos protocolares, risos, risos, risos, beijos nos lábios e sorrisos cínicos. Não aceitarei, nem por esmola, o menor consolo, não posso extrair satisfação do que, em sua essência, deve ser degradante. Beberei quieto e absolutamente alheio, esperando a embriaguez, que, afinal, faltará ao encontro. Então já estarei enjoado, entorpecido e ridículo, com a boca mole e a língua presa, no deprimente limiar entre a altivez da sobriedade e a inconseqüência do porre. Beberei com raiva de tanto nojo, com raiva e nojo do *barman*, que sairá da minha frente para desvendar-me um espelho fosco.

Se gostasses de beber, cretino, serias bêbado e não poeta. És escravo da lucidez e não consegues nem perder a consciência. Não tens coragem, sequer, de inebriar-te para dizer que também amas e sofres porque amas. Tu, poeta miserável, vives de razão e precisas de razão para falsear sentimentos vários, pois te constroem os próprios sentimentos. Precisas de razão para mentir e perpetuar mentiras egocêntricas, escu-

tando depois os aplausos mais idiotas, com que adubas a tua vaidade ignóbil. Não existe inspiração, bem o sabes, existe um frêmito animal, que matas lentamente, palavra por palavra, sádico e extasiado. Por isso tua poesia fede a cerveja choca e xepa de cigarro, náusea e não emociona, porque te recusas a aprender o que é emoção. Não passas de um poetastro boçal e previsível, servo da retórica, tua literatura é uma panacéia e tua filosofia um embuste.

Beberei quieto e absolutamente alheio, sem reclamar do copo rançoso, sujo de suor e saliva encrostada nas bordas. Beberei devagar, destilando comiseração, orgulhoso do vexame e enfasiado de tédio. O *barman* me atenderá imediatamente, sem fazer perguntas nem demonstrar preocupação. Aos poucos perceberei minha surdez, voluntária e pretensiosa, insensível aos pedidos de licença. Meu corpo pesado é uma barreira indestrutível, este espaço me pertence e quem achar ruim que me derrube. Mas não derrubarão, a pena motivará a indiferença, para que enfrentar um coitado que não consegue levantar? O *barman* reagirá

invulnerável, o que está na frente do balcão não o atinge. Mas não permitirei que enxugue a fôrmica encharcada de cerveja, substitua o cinzeiro ou recolha as garrafas: não se altere o cenário para a apoteose da azia.

E declamarei Fernando Pessoa, dizendo que "nunca conheci quem tivesse levado porrada. Todos os meus conhecidos são campeões em tudo. Onde é que há gente no mundo? Poderão as mulheres não os terem amado, podem ter sido traídos - mas ridículos nunca!". Não me perturbará, porém, a aparente fortaleza dos ingênuos, alienados da fragilidade indeclinável. Será questão de tempo, talvez de horas. Chegará o momento em que não haverá lugares vazios no balcão, conscientes todos da vileza e da mesquinha. Dois, três, quatro copos não serão o bastante para abrandar a consciência doentia, a constatação amaríssima da torpeza, a revelação inexorável da decomposição. Nem o *barman* estará presente para indicar a porta de saída, pois terá sido o primeiro, indubitavelmente, a afastar-se para a suprema consagração à desesperança.

CINEMA I

Fiel, mas nem tanto talvez seja o único filme, dos que estão atualmente em cartaz nos cinemas comerciais, a destoar do convencional. Dirigido por Paul Mazursky, que também atua como um psiquiatra excêntrico, conta a história de um assassino profissional (Chazz Palminteri, autor do roteiro, baseado em peça de própria autoria), contratado por um empresário infiel (Ryan O'Neal) para matar sua esposa, magistralmente interpretada por Cher. Enquanto Chazz aguarda o sinal de O'Neal para executar a mulher, conversa com Cher sobre família, relacionamento, fidelidade, paixão, amor e sexo, com eventuais consultas telefônicas ao analista. O final é mais que previsível, embora aconteçam situações inusitadas antes de se realizar o esperado, mas não é o suspense que prende a atenção do espectador e sim os diálogos ágeis, irônicos e sutis, lembrando os melhores momentos do humor, às vezes negro, de Billy Wilder ou a profundidade de Ingmar Bergman. Típico teatro filmado, mas pode receber um prêmio importante, ou surpreender com uma indicação para o *Oscar*.

CINEMA II

A Justiça Federal e a Cinemateca Catarinense pretendem reabrir o cinema do antigo Cecontur, para exibição de filmes catarinenses, nacionais e de conteúdo estético mais significativo. A idéia ainda não saiu da intenção, mas a primeira experiência aconteceu em 25 de outubro, com a mostra de dois curtas (*Desterro* e *Voo Solitário*), para um público formado por juizes, servidores e convidados. O projeto destina-se permitir o acesso da comunidade ao cinema, atualmente utilizado como auditório. Nas palavras do presidente da Cinemateca, o objetivo é resgatar um espaço para o imaginário no centro da cidade.

PIER 301

N

OPORTUNIDADES

Para quem escreve, desenha ou compõe, não basta talento, é preciso também oportunidade. O *Jornal da FAED* me deu esta oportunidade ao me deixar escrever a página 8 durante todas as edições de 1996. O *JF* também deu uma chance de os cartunistas Darth e Fabiano divulgarem suas tiras, muito elogiadas pelos leitores. Nesta edição, devido à abundância de matérias (e à falta de consciência da própria prolixidade dos articulistas), quase não houve espaço para as *Mentiras*, mas seria uma injustiça deixá-las de fora. Mais uma vez as tiradas inteligentes de Darth e Fabiano, que me dão a honra da companhia.

MENTIRAS

BIXO GEOGRÁFICO

Darth

MENTIRAS

ENTRETIRAS

Fabiano